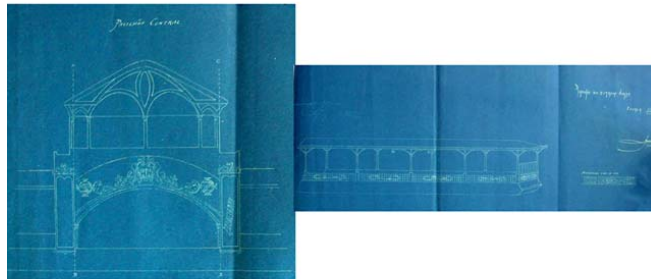


PROJECTO PARA A CONSTRUÇÃO DE PAVILHÕES NA PRAIA DA PÓVOA
(Maio a Junho de 1924)



O destaque deste mês para a rubrica on-line Páginas de História com Estória, vai para a praia, mais concretamente para um projecto de construção de pavilhões na praia da Póvoa, do Arquitecto Gonçalo Arthur Cruz, em substituição dos primitivos toldos que lá existiam. É um documento pertencente à série documental Projectos de Obra Municipais, que o Arquivo Municipal preserva.

Na marginal da cidade, a Avenida dos Banhos e o Passeio Alegre, outrora designados de picadeiro, são um local emblemático onde a população sempre gostou de passear a pé e conviver ao largo da praia, em tempos era mesmo local propício para a mostra de roupa nova e passeios em família. Um espaço urbano, considerado pelo IPPAR, Imóvel de Interesse Público em 1977, que na época balnear se enche de gente, atraída à Póvoa para passar os meses de Verão.

A orla costeira poveira sempre foi um dos maiores atractivos turísticos para os milhares de visitantes que procuram a Póvoa, sobretudo na época do Estio. Remonta já ao séc. XVIII a vinda de pessoas para as praias da Póvoa, há relatos de muitos que vinham em busca do iodo do mar, considerado revigorante, e curas com banhos de mar e de sol para males da pele e dos ossos. Vinham principalmente clérigos. Há mesmo registo, no Arquivo do Mosteiro de Tibães, no Livro de Gasto da Enfermaria relativo ao período de 1725 a 1798, de vários monges beneditinos virem tomar “os banhos da Poboia”, por motivos de saúde. Notícias inéditas que tanto enobrecem a cidade.

Essa afluência intensificou-se a partir do séc. XIX, com a construção do caminho-de-ferro, que facilitou o fluxo de todos quantos procuravam esta bela cidade à beira-mar plantada, sobretudo para irem a banhos. Nesta altura, a vila popularizou-se como um destino de Verão para as classes abastadas de Entre Douro e Minho, transformando-se mesmo no destino de férias mais popular do Norte de Portugal, devido não só às belas praias, mas também ao desenvolvimento do lazer e do jogo privado. Actualmente, a praia da Póvoa é uma das mais concorridas do país.

Em 1776, a Câmara procurava “dinheiro do cofre da sisa” para fazer arranjos nas ruas que davam acesso à praia porque aqui vinha “muita gente comprar peixe e também aos banhos de mar”.

A Postura Camarária de 9 de Agosto de 1871 * também é muito curiosa. As pessoas do campo naquela altura, e sobretudo a norte do Carvalhido, na “praia dos ceboleiros”, tomavam banhos de mar de forma muito original – de cócoras e cobertos com um lençol. Homens e mulheres despiam-se no areal deixando apenas uma camisa larga e comprida sobre o corpo que, ao ficar molhada era transparente. Tal hábito levou a câmara a decretar, na postura acima citada, que: “é proibido tomar banhos em estado de nudez, em todo o litoral do concelho, sob pena de 1\$500 reis ou 3 dias de prisão”. Medida que resultou e o decoro regressou àquele local. Claro que para os filhos de pescadores, as posturas municipais não eram lei. A praia era a sua casa, brincavam, corriam, mergulhavam nus e deitavam-se na areia a secar ao sol.

A 21 de Março de 1876, surge uma Portaria de D. Luís, autorizando a formação duma Companhia de Melhoramento das Praias, para construção de barracas na Foz, Matosinhos, Leça da Palmeira e Póvoa de Varzim. O que demonstra claramente, que já nesta altura a praia da Póvoa era considerada ao mais alto nível.

Em finais do séc. XIX, a vila tinha cerca de seis mil habitantes, número que duplicava entre os meses de Agosto a Novembro, quando as pessoas vinham a banhos. Nesta altura a praia da Póvoa era frequentada por famílias ilustres de Entre Douro e Minho. Camilo Castelo Branco, por exemplo, era frequentador habitual das praias poveiras, mas diz-se também que preferia o jogo à praia por não gostar da água fria do mar.

Na época, existiam já pelo menos 17 casinos pelos cafés da vila, como por exemplo, o do Café Chinez, do Café David, do Universal, do Luso-Brasileiro, que permitiam a jogadores abastados a diversão do jogo. Hoje a Póvoa não nega essas tradições de há dois séculos, e em lugar daqueles salões próprios para o jogo, hoje temos o Casino da Póvoa com igual força atractiva para quem procura jogo, entretenimento e cultura.

Na praia formavam-se áreas distintas, para um lado iam os ricos para barracas melhores, para o outro o povo que se ajeitava como podia. Havia quem fizesse tratamentos com banhos quentes salgados, a água era transportada manualmente e aquecida em caldeiras metálicas. Só mais tarde é que surgiu a indústria dos banhos quentes, com duches e chuveiros, toalhas e sabão.

O projecto escolhido para documento em destaque este mês – pavilhões na praia da Póvoa, foi precisamente um novo apoio ao areal, que a Câmara nos anos 20 do século passado, decidiu instalar na Rua dos Banhos (actual Avenida dos Banhos).

Mas se, de início, as pessoas afluíam à praia da Póvoa para banhos de mar em busca da cura dos seus males e maleitas, actualmente fazem-no também por prazer, para momentos de merecido descanso depois de um ano de trabalho.

Claro que a afluência em massa de pessoas às praias poveiras levou a uma enorme transformação, ao longo dos anos, de toda a orla costeira. No séc. XVIII, de resto o século decisivo na projecção urbanística da Póvoa, intensificou-se o povoamento da faixa litoral costeira formando-se, sobretudo a sul, um aglomerado que cresceu rapidamente e onde se instala a população piscatória.

Um pouco mais a norte, as humildes casas de pescadores que estavam junto ao areal do Passeio Alegre, deram lugar a um airoso jardim e à moderna urbanização da zona, de resto alvo de inúmeros melhoramentos até aos dias de hoje.

Em acta da Câmara de 6 de Abril de 1926 *, foi “apresentado o projecto de aformoseamento da Alameda do Passeio Alegre e da Avenida dos Banhos”, que foi desde logo aprovado pelo executivo camarário. Nessa altura o jardim foi então remodelado, e o monumento ao heróico Cego do Maio que, desde a sua inauguração a 29 de Agosto de 1909, estava no topo norte do Largo do Conselheiro Campos Henriques passou para o topo sul desse belo espaço.

A Avenida dos Banhos, uma alameda larga sobejamente frequentada nos dias e noites quentes de Verão, altura em que podemos apreciar as barracas e toldos na praia, e toda a azáfama de gente que aflui ao areal. De Inverno, não menos bonita, é possível ver todo o areal de tons dourado e o vasto oceano, que em dias frios e de sol tem uma beleza que apetece admirar.

E indissociáveis da praia poveira, que merecem uma singela referência, existem dois espaços, em pleno areal, carregados de simbolismo e “histórias para contar”, que marcaram várias gerações de poveiros e mesmo de turistas. São o Diana Bar e ao Guarda Sol, locais únicos de tertúlias e encontros até hoje.

O mar está e estará sempre presente na alma do poveiro, ele é o âmago da cidade que se estrutura em seu redor. Serve de sustento e para diversão, uma fonte de inspiração e relaxamento indiscutível. E se outrora, sobretudo as classes mais abastadas é que iam à praia, hoje o areal poveiro é palco para descanso e diversão, para todas as classes sociais e todas as idades.

A praia da Póvoa na serenidade das manhãs à beira do nosso mar, proporciona momentos incomparáveis. Venham apreciá-los.

“A Póvoa de Varzim estende-se ao longo de uma extensa planície paralela ao areal que a separa do oceano. Não admira... que o mar tenha sido o elemento principal que lhe condicionou o futuro”. *1

* documentos que integram o espólio do Arquivo Municipal

*1

BORGES, Júlio, Paisagem Poveira, CMPV 2003

Bibliografia consultada:

BORGES, Júlio, Paisagem Poveira, CMPV 2003

Boletim Cultural , 1965, VOL. IV

PÓVOA DE VARZIM, ANEGIA EDITORES, 1998

Internet:

www.wikipedia.org